

TEIA DOS POVOS

Cadernos Macambira (ISSN 2525-6580)
*V. 4, N°2, 2019. Página **74** de **236***
Anais da 6ª Jornada de Agroecologia da Bahia.
Serrinha, BA, Laboratório de Políticas Públicas, Ruralidades e Desenvolvimento Territorial – LaPPRuDes
http://revista.lapprudes.net/ E-mail: cadernosmacambira@gmail.com

MEU TERREIRO DE CANDOMBLÉ, *MINHA CASA, MEU QUINTAL*: SABERES ANCESTRAIS E AGROECOLOGIA

JAQUELINE DE S. B. SANTOS (NDUMBE)
Casa-Terreiro Ventos de Angola/Caxuté/ Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, jqbarreto@gmail.com;
ANA C.N G (MATAMBALE)
Casa-Terreiro Ventos de Angola/Caxuté/ Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, kikigivigi883@hotmail.com.br;
FRANCELLE. F. SALVADOR (NLUINDA KATAMBALAMAZI)
Casa-Terreiro Ventos de Angola/Caxuté/ Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, ferrettisalvador@gmail.com.

Este artigo apresenta resultados parciais de um projeto do Mestrado Profissional em Educação do Campo/Universidade Federal do Recôncavo da Bahia em parceria com a Casa-Terreiro Ventos de Angola/Caxuté-Ba, em Amargosa-BA (assim chamamos os terreiros que estão iniciando seus fundamentos ancestrais, vinculados a outro mais antigo) coordenada por Mametu kafurenga e sua filha Matambale. Desde 2016 o Nzo é vinculado ao Nzo Kwa Minkisi Nkasuté ye Kitembu Mvilla (Caxuté, Valença-BA), nossa raiz.

O projeto foi produzido a partir da demanda da comunidade que se identifica como pertencente a um terreiro do campo, em processo de construção de sua identidade camponesa, ao mesmo tempo em que se afirma como terreiro de candomblé. Tem como objetivo o desenvolvimento de pautas de uma comunidade tradicional ao Mestrado em Educação do Campo, por meio do exercício político de (re) construção/incrementação de um Quintal Produtivo Agroecológico no que se constitui a área do terreiro. O espaço possui três construções – o Barracão e Ndemburos – e é ladeado por espécies variadas e nativas que podem ser potencializadas e ainda mais diversificadas para consumo da comunidade e para os rituais de candomblé, utilizando-se de práticas alternativas de manejo e plantio, ancoradas na agroecologia. Para isso, o diálogo se dá entre as pedagogias desenvolvidas no terreiro-raiz (SANTOS, 2019), através da Escola Caxuté (primeira escola de matriz africana do baixo Sul da Bahia) por Mametu Kafurenga e o que já se têm produzido como pedagogias do campo.

O espaço sagrado de terreiro instaura relações com a terra, que vão além da produção e uso do solo, implicando no reconhecimento político dos sujeitos, a partir de estratégias agenciadas por politicas de resistência (LUGONES, 2014). Estas estratégias tem a terra como espaço ancestral de ngunzu e luta. Os sujeitos lá coletivizam suas demandas em ‘família de nkise” combinando tradição e criação de meios que fazem deste lugar *sua casa e seu quintal,* rememorando as famílias extensas das comunidades africanas e indígenas, bem como a

Cadernos Macambira (ISSN 2525-6580)
V. 4, N°2, 2019. Página ***75*** *de* ***236***
Anais da 6ª Jornada de Agroecologia da Bahia.
Serrinha, BA, Laboratório de Políticas Públicas, Ruralidades e Desenvolvimento Territorial – LaPPRuDes
http://revista.lapprudes.net/ E-mail: cadernosmacambira@gmail.com

organização de quilombos. A raiz Caxuté e suas Casas-Terreiro consideram-se espaços campesinos de culto aos ancestrais- terreiros do campo- e de educação, enraizada na cosmovisão bantu-indígena (SANTOS, 2019). Além do principio do bem-viver que orienta os Nzo, vem se tornando um território de defesa da reforma agrária, de práticas agroecológicas e de (re)existência de povos tradicionais. Relaciona-se às lutas pelo território com base no 'mandato ancestral' (ESCOBAR, 2014) – memórias e testemunhos dos mais velhos- criando um lugar relacional que se produz em contraposição a ontologia binaria do Ocidente. O povo preto cria-se assim na diferença colonial de onde se pode acionar a memória dos povos ancestrais e criar defesas à terra como bem comum, uma vez que a tomada das terras, o avanço do agronegócio, o interesse cada vez maior por *commodities* agrícolas tem ensejado e concretizado agroestratégias que, em nome do agronegócio - novos projetos hídricos e de tomada das riquezas minerais - avançam para a expansão das fronteiras agrícolas gerando discursos de inferiorização de povos tradicionais e sua supostamente 'inútil' relação com a terra (SAUER, 2013).

Povos de terreiro tiveram suas práticas ancestrais encerradas em territórios contínuos e escondidos, bem como limitado o acesso a territórios descontínuos necessários aos rituais – matas, cachoeiras, manguezais, pedreiras, etc. – em função da propriedade privada da terra e discriminação da religião de pretos (REGO, 2006; NASCIMENTO, 2016). Isto nos levou a crescente urbanização dos terreiros e às complexas destituições da significação de nosso legado ancestral. Deste modo, na contramão das agroestratégias, nos inscrevemos na reconstituição de nosso território sagrado no campo. A agroecologia dialoga com os saberes, proporcionando um novo projeto atado ao bem-viver.

Assim, o Quintal Produtivo Agroecológico é espaço de convivência entre várias espécies nativas ou não que formam um sistema, geralmente de fácil acesso a uma família ou comunidade (CARNEIRO, et al. 2013), sem necessitar de modelo rígido. As combinações entre árvores frutíferas, raízes, ervas, hortaliças, etc., fazem destes espaços, locais de abastecimento e de (re)criação de modos de cultivo ligados a saberes comunitários e ancestrais. Nas comunidades de terreiro estes saberes estão relacionados às mulheres, assim como, tradicionalmente, as experiências femininas camponesas de cuidado com as famílias engendram praticas culturais, o aprendizado com as mais velhas, o cultivo para autoconsumo e uma especial atenção à alimentação levando em conta a valorização de alimentos regionais (OLIVEIRA, 2009). Destarte, o espaço do terreiro, voltado aos ritos com os Mukixi e a perpetuação da família ancestral, dedica-se ao aproveitamento das espécies locais – aroeira, cajueiro, ervas, dendê, etc, para plantio de outras.

A metodologia utilizada para a incrementação do Quintal – que se torna um exercício prático e político de fazer-pensar - é a pesquisa-ação, uma vez que está se utiliza da participação de todas as pessoas envolvidas na produção, execução e avaliação das etapas de pesquisa. Para Thiollent trata-se de "(...) um tipo de pesquisa social

com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo" (THIOLLENT, 2011, p. 20). Por interessar-se por uma pesquisa engendrada que toma os saberes como constitutivos de um contexto e submeter-se à organização de variáveis, não desprezando contextos locais, esse método propõe uma relação construtiva e dialógica entre pesquisadores e sujeitos de pesquisa. Esta mesma relação é que indica as questões da pesquisa e as suas prioridades, bem como o encaminhamento prático de questões concretas; a avaliação constante dos procedimentos visando que os participantes sejam capazes de construir novas soluções gnosiológicas e também praticas para a situação que está proposta. Deste modo, é possível dizer que o conhecimento é produzido por necessidades práticas e gera também soluções práticas e amadurecimento dos sujeitos envolvidos (THIOLLENT, 2011). Assim, a comunidade de terreiro, junto à pesquisadora, também membro da comunidade, estabeleceu etapas de ação para a pesquisa, denominando-as Giras de Saberes- espaço formativo, prático e de diálogo.

As etapas de intervenção até aqui realizadas foram definidas em conjunto e assim divididas e sistematizadas: a) construção da fossa séptica biodigestora b) articulações com sujeitos dos movimentos sociais pela terra (MST, MPA), c) cuidado da terra: capina, forra e podas, d) seleção de mudas de nsabas e alimentos para plantio. Cada Gira envolveu os membros da comunidade de terreiro, líderes de movimentos sociais pela terra, e discentes do Mestrado, nos anos de 2018 a 2019. O princípio epistemológico que nos orienta é de desnudamento do espaço abissal criado pela modernidade colonial que toma a ciência como referente e o princípio da universalidade por ela construído como classificador e orientador dos saberes. Assim, por meio da partilha nas Giras mostramos a linha abissal invisível que revela como esta lógica produz conceitos referentes, ao mesmo tempo em que torna outros conhecimentos "(...) incomensuráveis e incompreensíveis por não obedecerem, nem aos critérios científicos de verdade, nem aos dos conhecimentos, reconhecidos como alternativos, da filosofia e da teologia" (SANTOS, 2010, p.53).

Na primeira gira buscamos alternativas que nos direcionassem para uma prática de respeito aos saberes ancestrais e tradições e isto fez com que refletíssemos sobre os cuidados com o sagrado para nós: a terra e a água. Nossos ancestrais sabiam disso produziam distancias entre dejetos e margens de rios e solo para alimentos. O sistema de fossas biodigestoras é uma alternativa para locais onde não existe sistema de saneamento básico disponível pelos municípios, atrelado à falta de distribuição regular de água para as comunidades, dois fatores em nossa região. Por outro lado, o calor nordestino favorece o emprego de biodigestores e o sistema de fossas (BARREIRA, 2011). Assim, por ser de fácil aplicação e baixo custo, também atende as demandas da comunidade. A construção da fossa foi realizada, dialogada e aprendida pela comunidade. Foi feito um conjunto, com três estruturas de alvenaria interligadas por tubulações. A primeira caixa é onde ocorre o processo anaeróbico dos

dejetos provenientes das descargas, ou seja, o processo de biodigestão converte matéria orgânica em gás carbônico e metano, já que altas temperaturas como em nossa região, facilitam a proliferação de bactérias e microrganismos. Entretanto uma solução de esterco de boi diluído em água e adicionado nessa primeira caixa para acelerar a proliferação destes microrganismos e bactérias. A segunda estrutura recebe águas provenientes de pias, cozinhas, ralos e banhos, identificados como águas cinza. Essa recebe um filtro, formado de cascalhos, britas e carvão ativados, onde as águas da primeira e segunda caixas é filtrada por este filtro biológico, após o primeiro filtro as águas são direcionadas para uma terceira caixa. Esta última é formada por um filtro de sementes de moringa, e posteriormente, a água é destinada ao reuso. As águas residuais têm substâncias inorgânicas que aumentam de forma considerável a fertilidade do solo. A quarta etapa do projeto ainda não está concluída, mas trata-se da captação de aguas pluviais para reuso na comunidade.

Na segunda Gira realizamos uma conversa sobre "Honrar os Mortos para nos mantermos vivos: Abril Vermelho e a reforma Agrária", com festa, comida e dança para a articulação entre os ensinamentos ancestrais e sujeitos da luta da reforma agraria, personificada por líderes dos movimentos sociais da terra – Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra e Movimento dos Pequenos Agricultores, com objetivo de combinar ações estratégicas, conversar sobre produção e terra, sementes crioulas e terra, relação entre movimentos campesinos de luta pela terra e agroecologia. Na terceira e quarta Giras realizamos capina e forra, podas e seleção de mudas.

Os resultados parciais indicam a complexa relação entre saberes locais, marcados pela ancestralidade e outros construídos pela ciência, mas que busca, de forma múltipla tomar a agroecologia como eixo de problematização de projetos, ao passo que deixam o desafio a discussão da ecologia de saberes. Trata-se de um terreiro do campo que reconhece na partilha entre saberes ancestrais e agroecologia a forma de construção da relação ontológica com a terra e de (re) fazer percursos importantes para a defesa da terra como bem comum. Os desafios estão colocados, mas a certeza de que candomblé é força, ngunzu e resistência está plantada naquele pequeno pedaço de chão em Amargosa.

Palavras-chave: Terreiro do campo. Quintal agroecológico. Ancestralidade bantu. Terra.

REFERÊNCIAS

BARREIRA, P. **Biodigestores: energia, fertilidade e saneamento a zona rural,** São Paulo: Ícone, 2011.
CARNEIRO, M. G. R. et al. Quintais produtivos: contribuição à segurança alimentar e ao desenvolvimento sustentável local na perspectiva da agricultura familiar (O caso do assentamento Alegre, município de Quixeramobim/CE. **Revista Brasileira de Agroecologia**, n.8, v.2, 2013.
ESCOBAR, Arturo**. Sentipensar con la tierra. Nuevas lecturas sobre desarrollo, territorio y diferencia,** Medellín: Ediciones UNAULA, 2014 (Colección Pensamiento vivo) , p. 37-78.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis , v. 22, n. 3, p. 935-952, Dec. 2014 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2014000300013&lng=en&nrm=iso>.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro. Processo de um racismo mascarado**. São Paulo: Perspectivas, 2016.

OLIVEIRA, C. A. Quintais agroflorestais mulheres redesenham espaços de produção e reprodução no Maranhão. Revista Agriculturas, v.6, n.4, 2009.

-REGO, Jussara. Territórios do candomblé: a desterritorialização dos terreiros na Região Metropolitana de Salvador, Bahia. **Geotextos**, vol. 2, n. 2, ISSN eletrônico: 1984-5537, **2006, p. 31-85** disponível em https://portalseer.ufba.br/index.php/geotextos/article/view/3038.

SANTOS, B. S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, B. S; MENESES, M. P. (Org.). Epistemologias do Sul. São Paulo: Cortez, 2010, p. 31-83.

SANTOS, Maria Balbina. **Pedagogia do Terreiro. Experiencias da Primeira Escola de Religião e Cultura de Matriz Africana do Baixo Sul da Bahia**. Escola Caxuté, Simões Filho (BA): Kalango, 2019.

SAUER, S. Reflexões esparsas sobre a questão Agrária e a demanda por terra no Século XXI. In: **A Questão Agrária no Brasil. Debate sobre a situação e perspectivas da reforma agrária na década de 2000**. João Pedro Stedile (org.); Douglas Estevam (assistente de pesquisa). 1. ed.- São Paulo: Expressão Popular, 2013.

THIOLLENT, Michel. Notas para o debate sobre pesquisaação. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). **Repensando a pesquisa participante**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 82-103.